

Sobre um homem que ia ser médico e acabou sendo educador

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente um artigo
preparado para algum encontro,
congresso, curso, etc.
ou para ser publicado em uma revista,
ou ainda como capítulo de algum livro.***

***Em sua versão presente
ele pode ser livre, solidária
e gratuitamente acessado.***

***Quase tudo o que escrevi
ao longo da vida
pode ser encontrado em***

***www.apartilhadavida.com.br
www.sitiodarosadosventos.com.br***

LIVRO LIVRE

Entre tantas e tantos educadores do passado e do presente de quem nos lembramos, a quem lemos, a quem por vezes seguimos, quero trazer aqui um homem judeu e polonês nem sempre lembrado – e reverenciado – como merece. Seu nome nos soa difícil: Janusz Korczak.

Reencontrei Korczak quando andava fazendo uma pequena e divertida pesquisa a respeito da educação” onde parece que ela não existe. Daí resultou o que não sei até agora se é um pequeno livro, ou se um apanhado, menos do que uma coletânea de escritos de outras pessoas; poetas, escritores, pensadores algo distantes da educação, gente do povo. Este livro-coletânea tomou este nome: ***Um homem chamado Leão e um menino chamado Homero – anotações sobre a***

educação onde parece que ela não existe. Não penso publicá-lo (a não ser que alguém de boa fé e vontade o faça por mim. Posso enviá-lo a quem queira lê-lo. E oportunamente ele poderá se acessado livre e gratuitamente em meu site de livros e outros escritos: www.apartilhadavida.com.br.

Janusz Korczak. Na verdade este não era o “nome próprio” dele. Janusz Korczak foi o “pseudônimo” que ele escolheu para assinar o que escrevia. Algo estranho, mas comum entre artistas e escritores. Seu nome próprio era Henryk Goldszmit. E em alguns lugares onde viveu e trabalhou ele tornou-se carinhosamente conhecido como “o Velho Doutor”, ou “O Senhor Doutor”.

Ele nasceu ainda no século 19, em 1878, na capital da Polônia, Varsóvia. E morreu em um lugar chamado Treblinka, também na Polônia. Nasceu em um dos piores momentos, em um dos piores lugares, e com a herança da mais ameaçada de todas as gentes de seu tempo. Viveu entre duas guerras mundiais que assolaram violentamente em dois momentos o seu País. Sofreu já quando médico e educador a invasão das tropas alemãs-nazistas. E nasceu e morreu como um homem judeu. Um alguém da gente humana mais desumanamente perseguida pelos nazistas.

Sobre a sua vida e também sobre a sua morte estarei falando à frente. Adianto, que ele morreu no ano de 1942, durante a Segunda Guerra Mundial. Eu tinha então 2 anos de idade. Morava em Copacabana, no Rio de Janeiro, e teria que esperar mais três anos para entrar em minha primeira escola. E também para a guerra na Europa acabar.

Jano (vamos chamá-lo assim em Português), viveu muitas vidas nos seus apenas 64 anos de vida. Ele foi médico, foi um escritor, um ativista social e também um oficial das forças armadas de seu País, durante a Primeira Guerra Mundial. Sim, e ele foi também um professor, um educador, e um criador de uma rara e preciosa escola de crianças.

Eis o seu rosto.



Jano tornou-se conhecido em todo o mundo como um educador, e também como um ousado pensador de direitos das crianças, inclusive na gestão de suas vidas pessoais e coletivas. Ele criou e sustentou até sua morte algo mais do que uma simples escola ou algo como um orfanato de crianças carentes. Ele escreveu livros, lançou idéias renovadoras em seu tempo. E na instituição que criou e que “tocava em frente” com alguns adultos seus companheiros e, sobretudo, com as próprias crianças, ele foi mais um educador a demonstrar que “uma outra escola é possível”.

Uma de suas inovações foi a criação de “tribunais de arbitragem” no seu orfanato-escola. Assim, quando surgiam problemas ou conflitos entre as crianças, elas próprias eram chamadas a dialogar, a julgar e a punir, quando necessário. Não apenas crianças, mas educadores poderiam ser levados por elas a um julgamento coletivo.

Seu orfanato-escola tinha este nome *Dom Sierot – a Casa dos Órfãos*. Quando já bastante conhecido, Jean Piaget fez ali uma visita. E tenho dele este depoimento, infelizmente sem maiores referências.

Este homem maravilhoso teve a coragem de confiar nas crianças e nos jovens, com os quais trabalhava, ao ponto de transferir para as suas mãos as ocorrências disciplinares e de confiar a certos indivíduos as tarefas mais difíceis e de grande responsabilidade.

Foi também dele a iniciativa de fundar uma talvez primeira revista com escritos das próprias crianças e destinados a elas. Tinha este nome: *Pequena Revista* e antecipa iniciativas que imaginamos serem bem mais atuais. Entre o médico e o educador, muito antes de isto se tornado uma prática, Jano dedicou-se a estudos pioneiros sobre o desenvolvimento e a psicologia da criança.

É possível que a deriva de sua vocação da medicina para a educação seja em parte devida a uma viagem que fez, ainda jovem, à Suíça, em 1899. Ali foi quando ele conheceu as obras de Pestalozzi. No entanto, essa provável mudança de rumos teria que esperar ainda o seu tempo. Jano tornou-se médico apenas em 1905, anos após sua viagem ao exterior.

E começou mal a carreira de médico, pois meses depois de formado foi recrutado para o exército do Czar da Rússia, que naquele então colonizava a Polônia. Narra-se que levado pela guerra viveu algum tempo na Manchúria e com crianças de lá teria aprendido algo dos costumes e da língua chinesa.

Finda a guerra (mas outras viriam) ele viveu um período bastante mais fecundo como médico, tralhando entre 1906 e 1912 no Hospital Pediátrico de Berson e Bauman. Morava dentro do próprio hospital como “médico interno” e repartia o seu tempo de trabalho entre as suas crianças do hospital e clientes pobres de bairros periféricos para onde continuamente se deslocava. Curava-os sem cobrar ou recebendo pequenos pagamentos quase simbólicos. Era já então um escritos razoavelmente conhecido. E em Português é possível encontrar alguns de seus livros. No final farei uma relação deles.

Suas atividades como médico não impede que uma vez mais viaje pela Europa, todas elas dedicadas a visitas e estágios em clínicas pediátricas e, sobretudo, instituições de guarda e proteção de crianças. Quando em Londres, em 1911, ele se decide não casar, não constituir família e dedicar-se integralmente “às crianças e suas causas”. Foi ele um criador de inovadoras “colônias de verão” dedicadas a acolher em tempo de férias crianças pobres, especialmente judias. Em 1909 resolve aderir à sociedade judaica “Auxílio dos Órfãos”, desde onde constrói adiante a sua escola-orfanato. Desnecessário lembrar que em boa parte da Europa, antes ainda do advento do nazismo, os judeus viviam sob condições sempre inferiores aos das “outras gentes”. Postos à margem, impedidos de ocuparem várias ocupações públicas, não raro injusta e violentamente perseguidos em “pogroms”, sobretudo na Rússia e na Polônia.

Uma nova guerra, a cruel Primeira Guerra Mundial, obriga uma vez mais Jano a alistar-se como médico do exército russo. Ele retorna a Varsóvia com a patente de capitão-médico. Duas guerras ainda o esperavam, e uma delas poria fim à sua vida. Mas ele está vivo e de volta. Acompanhemos os seus passos. Em 1918 a Polônia torna-se independente da Rússia. Ele retorna como médico, agora ao exército polonês, em guerra contra a Rússia.

Eram então tempos de novas idéias e práticas que iam das artes á medicina, dela à pedagogia e delas todas à política. Não esqueçamos 1917 e a Revolução Soviética, na Rússia.

Entre o médico, o escritor e o pedagogo, é sobretudo pela educação e suas inovações que Jano se interessa. Ele se torna um estudioso do que veio a ser a “nova educação” e também o “progressismo pedagógico” que entre diferentes tendências e linguagens levam Jano a estudar John Dewey, Decroly, Maria Montessori, além de educadores antecedentes da educação, já seus conhecidos, como o próprio Pestalozzi, Spencer e Froebel. Ao que tudo indica, ele terá tomado conhecimento também das idéias revolucionária de Liev Tolstói, o escritor e conde russo. Tolstói, que nunca foi um estudioso sistemático da pedagogia, interessou-se intensamente pela educação das crianças pobres, os filhos dos “mujiques”, os

camponeses russos que ao seu tempo viviam em um regime de “servidão”. Ele cria em sua propriedade rural, em Iasnaia Poliana uma escola para filhos de seus servos e se dedica a ela, elaborando inclusive uma cartilha. Algo de seus escritos sobre a educação está presente aqui neste livro.

Ao lado das atividades como médico e, mais ainda, como educador e como diretor do Dom Sierot Jano dedica-se a escrever e a proferir palestras cada vez mais relacionados a temas ligados às crianças, seus direitos (em uma sociedade ainda fortemente repressiva e autoritária) e a sua educação. De forma ainda mais aberta e radical do que outros educadores que se tornaram mais conhecidos do que ele, Jano defende uma educação emancipadora da criança desde os seus primeiros anos. A seu ver, direitos de voz e voto, de representatividade e de “dizer a sua palavra”, deveria ser, tanto quanto possível, destinados a adultos-educadores quanto a educandas-crianças. Um ideal de partilha de gestão ou mesmo de autogestão das crianças na escola era o seu horizonte. Seu princípio básico era o de que qualquer criança, quando respeitada e trazida a um diálogo entre iguais-diferenciados, possui uma igual capacidade de pensar reflexivamente, julgar de forma correta e agir com consequência. Não possuindo a “experiência” dos adultos, crianças nem por isso deixam de se equiparar a eles na condução de suas vidas e destinos.

Lembremos que quase todo o seu trabalho era realizado no âmbito de famílias pobres, judaicas, não raro religiosamente ortodoxas e socialmente muito conservadoras. Sua pedagogia igualitária e corresponsável estava baseada na idéia de que mais do que aprender teoricamente regras e princípios de convivência, crianças deveriam ser levadas a assumir-se livre e responsavelmente, compartilhando com os adultos uma vida coletiva com um mínimo de desigualdades de direitos e de deveres.

Ele soube aliar como poucos educadores, uma convivência pedagógica ao mesmo tempo serena, leve, séria e brincalhona, com um sentido de precoce corresponsabilidade. Desde quando possível, as crianças por conta própria – mas, claro orientadas por adultos – deveriam ser levadas a experimentar com a maior liberdade possível as suas emoções, seus desejos, seus apegos, suas ideias... e as suas consequências. Assim, elas deveriam aprender a ser as primeiras educadoras e juízas de si-mesmas. *Não existem crianças, existem pessoas*, era um de seus motes. *Reformar o mundo começa por reformar a educação*. Era um outro. Paulo Freire, José Pacheco e quantas e quantos educadores mais assinariam em baixo.

Não raro ele entrou em conflito com autoridades civis e familiares, a partir da ideia muito arrojada em seu tempo, de que sequer a família deveria ser a instância

mais original e essencial na educação das crianças. Ao contrário, o autoritarismo patriarcal da Polônia de seu tempo, dividida em boa medida entre o conservadorismo católico e a ortodoxia judaica, a seu ver, representava um entrave no desenvolvimento livre e espontâneo de uma criança. Jano repudiava com rigor o suposto direito, dado tradicionalmente aos adultos, de castigos físicos e outros às crianças.

Eis uma síntese de suas idéias:

A relação adulto-criança deve ser regida por uma interação tão igualitária e auto-assumida quanto possível.

A criança é um ser humano completo em si-mesmo, e em cada momento de sua vida e seu desenvolvimento ela mantém-se como um ser sensível e inteligente com as propriedades de cada etapa de seus desenvolvimentos.

]

A educação das crianças deveria ser a mais igualitária e destituída de diferenças possível (“bom aluno”, “mau aluno”, “criança bem educada” ou “mal educada”, etc.). No entanto ela deveria levar em conta as particularidades individuais de cada criança. levar em consideração a individualidade de cada criança;

Mais do que qualquer outra pessoa – a começar por sua mãe e sua professora a criança, sente, conhece e sabe de si-mesma e de suas necessidades, aspirações e emoções. Portanto, da forma mais livre possível ela deveria ter o pleno direito de dizer-de-si mesma aos outros e ser ouvida e respeitada em suas avaliações sobre si-mesma e a respeito das ações de outras pessoas sobre ela.

Crianças não são pequenas máquinas destinadas ao “sucesso”, através de uma rigorosa educação. Elas são diferentes e deveriam ser educadas para, cada uma a seu modo e de acordo com suas vocações e limitações, viverem os destinos de suas escolhas. Crianças deveriam ter inclusive o direito a serem respeitadas e reconhecidas inclusive em seus supostos “fracassos”.

Crianças não existem e nem são educadas para os adultos – a começar “pelos seus pais” e para cumprirem, seja os seus desejos, seja as determinações de algo exterior ao domínio da pessoa humana. Crianças, como pessoas, não existem e nem se educação para um poder de Estado, mas para uma livre e solidária vida social. Em tempos de agora devemos dizer que nem deveriam ser educadas para servirem... “ao mercado”.

Talvez mais próximo de Tolstoi do que de teóricos da educação – inclusive os que muito o influenciaram - Korczak nunca se considerou um especialista nem pedagogia. Suas idéias provinham de suas convicções e de suas práticas cotidianas. De algum modo ele dava pouco valor a teorias acadêmicas sobre a

educação e o desenvolvimento das crianças dentro e fora da escola. De acordo com alguns de seus estudiosos, como Igor Newrly, por exemplo, Jano nunca quis se apresentar nem como criador de uma “escola pedagógica” nem como seguidor de alguma dentre as já consagradas.

Este seria o momento para lembrar que o seu livro sobre crianças e a educação mais lido e debatido possui este inesperado título: Quando eu voltar a ser criança. Longe de qualquer teoria e tentando assumir-se com a sensibilidade de uma criança Jano escreve como uma delas falando a educadores. O exato oposto do que nossos livros de pedagogia ensaiam, ao escreverem idéias sobre as crianças para e entre adultos. Até onde pude levantar, em sua versão brasileira este livro está na 17ª edição.

Há que suspeite de sua influência mesmo anos após sua morte. Após a Segunda Guerra Mundial, através de iniciativas da então criada Organização das Nações Unidas – ONU, declarações de valor universal (mas nunca inteiramente cumpridas) em favor da dignidade da pessoa humana foram propostas e consensualmente assinadas. Após a emissão da conhecida Declaração Universal dos Direitos Humanos, segue-se uma Declaração Universal dos Direitos da Criança, emitida em 1959. Acredita-se que idéias de Janusz Korczak foram então essencialmente recordadas. Em 1989 a Assembleia da ONU adota uma Convenção sobre os Direitos da Criança. (nota: existem também uma Declaração Universal dos Direitos dos Animais e outra sobre os direitos das plantas).

Renovando a arquitetura social e a dinâmica das interações em um instituição escolar e de abrigo de crianças órfãs, Jano inova também a maneira como deveriam ser criadas e circuladas as palavras e idéias entre pessoal situadas “de um lado e do outro” da prática pedagógica. Lembro a revista que cria com as crianças e em que quase sempre são elas as que escrevem e as que mutuamente se leem. Foi a primeira revista não apenas “infantil”, mas “de-e-entre crianças na Polônia e, provavelmente, uma das única no mundo. E a sua circulação era aberta, pois a Nossa Revista era um encarte de um jornal cotidiano de Varsóvia.

Em 1940 o governo nazista da Alemanha (terra de meus ancestrais maternos) invade a Polônia. Em poucos dias o País se rende e as forças de ocupação invasoras controlam toda a Polônia.

De imediato as medidas repressivas mais severas são impostas aos judeus. Eles são uma fração demográfica e cultural muito importante no País. Inicialmente desqualificados e obrigados a ostentar na roupa a “estrela amarela de David”, os judeus são confinados em guetos. O mais importante e sofrido deles foi o Gueto de Varsóvia.

Jano vai para o Gueto acompanhando suas crianças e o pessoal da escola-orfanato. Newerly, que o ajuda em tudo, inclusive como seu editor, tenta arranjar-lhe falsos documentos para que ele escape do Gueto de Varsóvia e venha viver na parte livre e “ariana” da cidade. Jano recusa-se a abandonar os seus amigos e as suas crianças. Vive com e entre elas todo o imenso sofrimento imposto pelos

invasores. Um de seus livros em Português é Diário do Gueto. Deixo indicações dele ao final. A última anotação de seu diário é de 4 de agosto de 1942.

O final está próximo.

Entre 5 e 6 de agosto a parte do Gueto de Varsóvia chamado: Pequeno Gueto é cercado por tropas da SS alemã, junto com forças de reforço ucranianas de letãs. Tem início o que os invasores chamaram de “Grande Ação”. Ela não foi menos do que o início do criminoso projeto de eliminação completa das pessoas judias da Polônia. Uma vez mais Jano recusa esforços de seus amigos não-judeus para que ele clandestinamente abandone o gueto e se salve. Uma vez mais ele recusa.

No dia em que se efetua e completa a deportação dos habitantes judeus do Pequeno Gueto, Jano acompanha as suas crianças. Cerca de duzentas delas embarcam em direção ao campo de concentração de Treblinka. Deixo a um narrador que presenciou a deportação o seu relato.

Não pretendo ser iconoclasta, nem desmistificador de mitos, mas tenho de contar o que então vi. Pairava no ar uma enorme inércia, um automatismo e uma apatia. Não era visível comoção pelo facto de Korczak seguir no cortejo, não houve saudações (tal como alguns descrevem), também não houve de certeza a intervenção dos enviados do Judenrat (Conselho Judaico), nem ninguém se aproximou de Korczak. Não houve gestos, não houve cantos, não havia cabeças orgulhosamente erguidas; não me lembro se alguém empunhava o estandarte de Dom Sierot – há quem diga que sim. Havia um silêncio tremendo e exausto. (...) Uma das crianças segurava Korczak pela roupa ou talvez pela mão; seguiam como que em transe. Acompanhei-os até ao portão do Umschlag. (O local de onde partiam os trens rumo aos campos de concentração).

Janusz Korczak morreu ao lado de suas crianças e colaboradores no campo de extermínio.

Difícil imaginar como este “homem de ação”, totalmente envolvido com suas ações entre o médico, o militante e o educador conseguiu escrever tanto. Ele deixou uma obra que segundo os seus biógrafos consta de vinte e quatro livros e mais de mil e quatrocentos artigos publicados em várias revistas. No entanto creio se pudesse de novo falar a nós ele diria: “mais importante foi o que as crianças escreveram”.

Por volta de 1958 eu começava a escrever poesias. Lembro-me de haver escrito um longo e sentido poema sobre o Gueto de Varsóvia. Nunca o publiquei. Ele deve andar esquecido entre outros velhos papéis.

Podemos nos despedir – mas nunca esquecer – de Janusz Korczak, o nosso “Jano”.

Ele está logo aí abaixo, junto com as suas crianças.



ESCRITOS - LIVROS

Como um dos efeitos perversos da guerra, sobraram dele, juntando inclusive as suas cartas apenas cerca de trezentos escritos. Sua “pedagogia” ainda pode ser lida nos quatro volumes de um mesmo ciclo: *Como amar uma criança* (1920); *Momentos educacionais* (1924); *Quando voltar a ser pequeno* (1925); *O direito da criança ao respeito* (1929); *Pedagogia divertida* (1939).

Em Português podemos encontrar os seguintes livros:

Quando eu voltar a ser criança

Editora Summus

1ª edição em 1981. Está na 17ª edição.

Como amar uma criança

Editora Paz e Terra

Diário do Gueto

Editora Perspectiva

Sobre a vida e a obra de Janusz Korczak podemos ler:

Quem foi Janusz Korczak

de Joseph Arnon
Editora Perspectiva

Janusz Korczak – perfiz, lições do Bom Doutor

de Jayme Murehovski
Editora da EDUSP